

A noção de razão nas *Cartas Filosóficas* de Voltaire

The notion of reason in Voltaire's Philosophical Letters

Lais Pazzetti Machado¹

Resumo: Embora não seja tarefa fácil encontrar uma definição de razão nas obras de Voltaire, sendo que este deixa aparentemente implícito o seu sentido na maioria das vezes, é facilmente notada a importância dessa noção. Nas *Cartas Filosóficas*, obra da qual trataremos aqui, a razão é estreitamente ligada ao uso que se faz dela – de modo que não é tanto saber o que ela seja que interessa, mas saber como se deve usá-la. Objetivamos, por meio deste trabalho, entender como a maneira segundo a qual Voltaire pensa a noção de razão determina a importância atribuída por ele à finalidade a que a razão deve se destinar, e como a felicidade humana pode estar ligada ao uso feito dela. Para tanto, não utilizaremos apenas textos do próprio Voltaire, como as próprias *Cartas* e o *Tratado de Metafísica*, mas também a *Encyclopédie*, que nos ajudará com definições de conceitos-chave que aparecem nas *Cartas* para que possamos entender o contexto iluminista no qual Voltaire está inserido e que transparece nas suas obras, e os comentários de Maria das Graças do Nascimento, Rodrigo Brandão e Estevão C. Martins, que nos permitirão entender melhor o pensamento voltaireano.

Palavras-chave: Voltaire. Cartas Filosóficas. Razão. Felicidade.

Abstract: Even though it is no simple task to find a definition of reason in Voltaire's works, with him leaving apparently implicit its meaning, it's easily noticeable the importance of this notion. In the *Philosophical Letters*, the work which we will be discussing here, reason is strictly connected to its use – in such a way that it's not knowing what reason is that really matters, but knowing how to use it. Our aim is, through this paper, to understand how the way Voltaire thinks the notion of reason determines the importance that is given by him to the goal reason must be destined to achieve, and how human happiness may be linked to its use. To do that, we will use not only Voltaire's own texts, such as the *Letters* and the *Treatise on Metaphysics*, but also the *Encyclopédie*, which will help us with definitions of key-concepts that appear in the *Letters* so that we can understand the illuminist context in which Voltaire is inserted and that is present in his works, and the commentaries of Maria das Graças do Nascimento, Rodrigo Brandão and Estevão C. Martins, that will help us to better understand the voltairean thinking.

Keywords: Voltaire. Philosophical Letters. Reason. Happiness.

* * *

Nas *Cartas Filosóficas*, a razão é estreitamente ligada ao uso que se faz dela – de modo que não é tanto saber o que ela seja que interessa, mas saber como se deve usá-la. Este conhecimento é crucial, pois interfere diretamente na vida humana: uma vez que

¹Graduando em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Orientador: Prof. Dr. Luís Fernandes dos Santos Nascimento. E-mail: laispazzetti@yahoo.com.br

os homens são esclarecidos pela razão, são mais felizes. Portanto, quando se pensa em “razão” não se pode perder de vista o fim a que ela se propõe. No entanto, para entendermos o uso que os homens devem fazer da razão segundo Voltaire, é preciso entender primeiro a maneira como ele pensa esses dois termos: “homem” e “razão”. Se no caso desta última não chegaremos a uma definição completamente esclarecedora, poderemos ao menos entender como nosso filósofo estrutura essa noção e como ela se relaciona com a ideia de “homem”, e para tanto recorreremos ao *Tratado de Metafísica*. Depois de tratadas neste primeiro momento as noções de “homem” e “razão”, prosseguiremos entrando no texto das *Cartas Filosóficas*, tendo em vista o uso que se deve fazer da razão. Por meio dos exemplos dados pelas duas nações em torno das quais gira a obra – Inglaterra e França – buscaremos entender como a maneira de agir de indivíduos e de nações se distancia ou se aproxima do uso adequado da razão.

No *Tratado de Metafísica*, a introdução e o primeiro capítulo são dedicados justamente ao homem, e Voltaire começa por dizer que os filósofos – com a exceção de Hobbes, Locke, Descartes, Bayle e um pequeno número de sábios – não têm ideias mais refinadas sobre a natureza humana do que o homem comum; antes, suas opiniões são tão limitadas quanto as do vulgo, com a diferença de que as opiniões dos filósofos são mais confusas. A estratégia de nosso filósofo para conhecer o ser humano será colocar-se fora da esfera humana, como se fosse um visitante de outro planeta recém-chegado ao planeta Terra buscando um homem: descendo primeiro no país da Cafraria, encontra humanos, macacos, elefantes, dentre outros animais. O procedimento do visitante é observar um bebê humano e filhotes de macaco, de leão e de cachorro e compará-los, procurando encontrar qual deles seja o homem. De início, todos parecem ter um quê de uma razão imperfeita, e todos parecem exceder o bebê em força, destreza, paixões e ideias, porém depois de certo tempo o bebê passa a apresentar um certo grau de superioridade, tendo tantas ideias quanto os outros filhotes e formando uma linguagem mais articulada do que as deles. Isso faz com que Voltaire (1973, p. 68) o identifique como sendo o homem, e o defina como sendo um animal bípede, que tem menos destreza e força do que outros animais, contudo conta com um pouco mais de ideias e maior facilidade de expressão, além de ter as mesmas necessidades que os outros animais. Assim, o homem não é um animal especial, que se destaque à primeira vista; pelo contrário: é só ao cabo de um certo tempo que o bebê humano passa a adquirir tantas ideias quanto os outros filhotes, e a apresentar uma linguagem muito mais articulada e variada. É a capacidade de se prover com um pouco mais de ideias e de se

expressar com maior facilidade que faz com que o visitante chegue à conclusão de que ali está o homem. Uma vez que é o grau das ideias o que distingue o homem dos demais animais, Voltaire dedica a elas o terceiro capítulo do *Tratado*, intitulado “Que Todas as Ideias Vêm pelos Sentidos”, deixando clara a sua posição favorável ao empirismo. Qualquer um, diz ele, que avaliar fielmente tudo o que se passou em seu entendimento admitirá facilmente que seus sentidos são responsáveis por todas as suas ideias. “E, no entanto, os filósofos que abusaram de sua razão pretenderam afirmar que tínhamos ideias inatas. [...] Formaram sistemas com os quais se vangloriavam de poder arriscar qualquer explicação aparente dos fenômenos da natureza” (VOLTAIRE, 1973, p. 74). O problema desses sistemas é justamente pretender dar explicações para uma variedade de fenômenos, contando com apenas um lampejo de verossimilhança: isto é, este lampejo de verossimilhança substitui a comprovação, por meio da análise, dos fenômenos naturais. Tendo constatado que é capaz de chegar a princípios tão sutis, a princípios gerais que podem explicar tudo, o espírito se parabeniza e se vale de toda a sua sagacidade para defender tais princípios. Voltaire continua: nunca se deve começar por inventar princípios com a pretensão de explicar tudo. Antes, é preciso fazer “a análise exata das coisas”, para então ver, com muita desconfiança, se elas se relacionam a certos princípios.

A falha de um sistema célebre, o que originou as ideias inatas, é não considerar que muitos homens passam toda a sua vida sem conhecê-las, e que uma criança não as tem a menos que elas lhe sejam dadas – assim, não é possível que essas ideias sejam comuns a todos os homens desde o nascimento. Se assim fosse, todos os homens nasceriam tendo as mesmas noções metafísicas. É absurdo crer que haja ideias que sejam recebidas ainda no ventre materno, e que sendo esquecidas após o nascimento devam ser aprendidas desde o início na juventude. Afirmar isso seria abusar da razão, por exigir dela mais do que ela pode assegurar.

A origem das nossas ideias está nos sentidos, algo indubitável segundo Voltaire. As nossas primeiras ideias são sensações; depois aos poucos recebemos ideias compostas do que atinge nossos órgãos, a memória retém essas percepções, nós as classificamos sob ideias gerais, e todos os conhecimentos humanos resultam dessa faculdade de compor e arranjar ideias. Mas quanto a conhecer a substância e a essência de suas ideias, isto será impossível até que o homem tenha órgãos para conhecê-las, isto é, até que a natureza humana seja outra. Com os sentidos em evidência, podemos perceber que a razão não é sempre um ponto de partida, e que ela também não é

investida de poderes ilimitados, pois do contrário a natureza humana seria outra e nos seria possível conhecer a essência daquilo que pensamos (VOLTAIRE, 1973, p. 69).

Se há limites para o que é possível conhecer por meio da razão (assim como também há limites para o conhecimento que vem dos sentidos), então há questões que nunca poderão ser respondidas, em especial certas questões metafísicas, como a natureza da alma. Este é um ponto sobre o qual Voltaire é bastante insistente em mais de uma de suas obras: por sermos seres limitados, nosso potencial de conhecimento é também limitado, o que leva a uma diferenciação necessária entre as coisas que nos interessa saber e aquelas que não nos interessam. Pois é preciso que haja uma avaliação cuidadosa do que está ao alcance dos nossos sentidos e da nossa razão, para que se invista nas perguntas para as quais poderemos encontrar respostas, ao invés de gastar esforços insistindo nas mesmas questões que provam estar além da capacidade humana de investigação. Essa preocupação aparece também nas *Cartas Filosóficas*, que tratam da vida na Inglaterra nos aspectos social, político, econômico e cultural tanto no século XVIII quanto em outros períodos mais distantes da história inglesa, de modo a mostrar como certos fatores contribuíram para que a Inglaterra se tornasse uma nação onde a liberdade foi ganhando cada vez mais espaço, permitindo que os homens vivessem melhor e conhecessem com mais clareza a si mesmos e o mundo. A Inglaterra acaba se tornando, em muitos casos, um modelo a ser seguido, especialmente em contraste com a França. Como veremos, o diferencial dos ingleses consiste, dentre outros aspectos, em fazer um bom uso da própria razão, um uso que se traduz em benefícios para o indivíduo e para a nação.

O tema que destacaremos aqui é o da filosofia inglesa: a partir da Carta XII *Sobre o Chanceler Bacon*, o tema da filosofia passa a figurar, sendo destacadas as contribuições que Voltaire considera dignas de serem louvadas – e aqui franceses e ingleses são mencionados, embora os ingleses recebam mais louvores. No caso de Francis Bacon, o que é destacado por Voltaire é a sua filosofia experimental: o *Novum Scientiarum Organum* é o “andaime para a construção da nova filosofia”, e Bacon, aquele que conhecia e indicou todos os caminhos que conduziam à natureza, ainda que não a conhecesse. Isto é, embora não houvesse um conhecimento estruturado, as vias que apontavam para ele haviam sido descobertas, o que já representa um significativo avanço. E mais: “Cedo desprezou aquilo que as universidades denominavam filosofia. Fazia o possível para que essas companhias, instituídas para a perfeição da razão humana, não continuassem a estragá-la com suas ‘quididades’, seu ‘horror ao vazio’,

suas ‘formas substanciais’” (VOLTAIRE, 2007, p. 25). Destacamos aqui o fato de que as universidades na época, apesar de terem sido instituídas para aperfeiçoar a razão humana, na verdade a estragassem por meio de noções que nada faziam para esclarecer os homens. Como veremos, muitos filósofos são alvos da crítica de Voltaire por terem se fiado em termos obscuros para encontrar respostas, com isso tomando caminhos errados que em muitos casos foram considerados certos e respeitáveis.

Apesar de ser a filosofia experimental de Bacon um marco, antes dela houve também inventos incríveis, que datam de séculos anteriores: a bússola, a imprensa, os óculos, a pólvora, etc. O que é mais surpreendente é que tais inventos não datam, como poderia se esperar, de tempos mais esclarecidos nem são de autoria de filósofos. Muito pelo contrário, surgiram no tempo “da mais estúpida barbárie”, sendo o acaso o autor de quase todas as invenções que são citadas. Era um tempo em que os homens sabiam chegar até o fim do mundo e destruir cidades com o estrondo de um trovão artificial, e no entanto nada sabiam sobre a circulação do sangue, o peso do ar, as leis do movimento. No campo da Filosofia, um homem que defendesse uma tese sobre qualquer “bobagem” (um dos exemplos são as categorias de Aristóteles) se tornava um prodígio. E, então, Voltaire (2007, p. 25) diz algo que retomará no final do livro: “As invenções mais surpreendentes e mais úteis não são as que mais honram o espírito humano”. Há um descompasso entre essas invenções, que merecem todos os elogios no nível prático já que facilitam muitas ações humanas, e a honra do espírito humano. Voltaire diz também que todas as artes não são fruto da filosofia, mas de um instinto mecânico que está presente em quase todos os homens. Assim sendo, podemos entender que tudo o que é fruto desse instinto mecânico, por mais surpreendente e útil que seja, não honra o espírito humano porque o espírito humano não pode ser honrado por um instinto mecânico. Descobertas que se encaixam nesse quesito, como as do fogo, da arte de fazer pão, de fundir e preparar metais, não atestam um grau maior de refinamento e de esclarecimento de seus inventores, já que estes foram homens selvagens, assim como acontece com invenções que vieram satisfazer necessidades diferentes como a imprensa e a bússola: por mais que elas tenham seus méritos, pesa contra elas a desvantagem de terem sido criadas por homens bárbaros, isto é, não esclarecidos.

Ao fazer elogios a Locke na Carta XIII *Sobre o senhor Locke*, Voltaire coloca o filósofo inglês no lado oposto ao do espírito de sistema, que como já vimos é danoso por se propor a estabelecer princípios que sejam capazes de dar todas as explicações. Sobre a admiração de Voltaire por Locke, Marilena Chauí (1973, p. xii) diz:

Louva-lhe a análise paciente dos processos de formação do conhecimento, a negação da existência de ideias inatas independentes da experiência e a afirmação das limitações da mente finita, ao pretender o conhecimento do universo infinito. Locke foi, para Voltaire, o homem que, modestamente, escreveu a história da alma.

Diferente de Descartes (e de outros nomes célebres que também utilizaram noções rebuscadas e pouco claras para falar sobre a alma), que foi levado pelo espírito de sistema a imaginar ter demonstrado que alma e pensamento eram a mesma coisa, que a alma já chega ao corpo provida de todas as ideias abstratas que são esquecidas após o nascimento, Locke demonstrou o funcionamento da razão humana para o homem assim como um excelente anatomista explica as molas existentes no corpo humano.

Voltaire (1973, p. 57-58) define a razão humana como “essa faculdade de sentir, de perceber e de pensar”. Embora ele nos forneça esta noção, que não é desenvolvida nas *Cartas*, ela não nos parece ser muito esclarecedora, pois não é explicado o que significa dizer que a razão “sente” e “percebe”. Mas o principal é admitir que a razão humana ela é limitada, e diante disso, seguir o exemplo de Locke e modestamente admitir a nossa ignorância com relação a muitas questões. A noção de que a razão humana não é perfeita aparece inclusive na *Encyclopédie*²: a razão se engana, é sujeita a se enganar, mesmo sendo uma faculdade destinada ao conhecimento da verdade. Ou seja, nem todo uso feito da razão resulta em acertos, e muitas vezes resulta em grandes diferenças entre uma nação e outra, como será o assunto da próxima carta, que tem como protagonistas Descartes e Newton.

Por que a escolha pelos dois filósofos? Porque eles são expoentes das duas nações protagonistas da obra: França e Inglaterra, continente e ilha. E representam muito bem os contrastes existentes entre o pensamento francês e inglês, em especial nos campos da filosofia e daquela que hoje é chamada de física:

A luz, para um cartesiano, existe no ar; para um newtoniano, vem do Sol em seis minutos e meio. [...] A própria essência das coisas mudou totalmente. As pessoas não concordam nem sobre a essência da alma nem sobre a da matéria. Descartes assegura que a alma é igual ao pensamento, e Locke lhe prova bastante bem o contrário. Descartes assegura ainda que apenas a extensão compõe a matéria; Newton acrescenta-lhe a solidez. São sérias contradições. (VOLTAIRE, 2007, p. 59-60).

² Verbetes “*Raison*”, disponível em: <http://artflsrv02.uchicago.edu/cgi-bin/philologic/getobject.pl?c.12:1977.encyclopedie0513.7855331>

Embora os dois filósofos tenham seus méritos, Voltaire chama a filosofia de Descartes de “romance engenhoso”, enquanto louva a filosofia natural de Newton. Por que essa diferença? Voltaire fala em “romance” porque as ideias filosóficas de Descartes são demasiado fantásticas: enganou-se ao explicar a natureza da alma, as leis do movimento, a natureza da luz, afirmou as ideias inatas, criou novos elementos, e chegou mesmo a criar o seu próprio homem. Mas ainda assim cometeu seus enganos “com método e de consequência em consequência. Se inventou novas quimeras em física, pelo menos destruiu as antigas”. Voltaire diz ainda que a filosofia cartesiana é um “ensaio”, enquanto a newtoniana é uma “obra-prima”, reforçando no entanto que Descartes também tem seus próprios méritos. Possibilitou que os erros dos tempos antigos e os seus próprios fossem percebidos, e inaugurou uma estrada que depois tornou-se imensa, na qual Newton fez as suas descobertas explorando um infinito abismo que existia na física, visto que as coletâneas de academias europeias não formavam então nem um começo de sistema.

Mas por que Descartes teria elaborado uma filosofia tão absurda, enquanto Newton foi responsável por uma tão elaborada? A resposta está, além de nos seus gênios distintos – pois como veremos, Descartes é um gênio com uma imaginação superdesenvolvida e Newton, um gênio regrado pela razão – também nas suas pátrias, ou melhor dizendo, nos contextos em que elas se encontravam:

Segundo Voltaire, não é possível separar a filosofia de seu tempo. Para que compreendamos o avanço que significa a física newtoniana é preciso reconhecer a diferença entre os costumes da Inglaterra e da França, entre o fanatismo de um tempo e a liberdade e tolerância de outro. Numa época e num país de perseguições e fanatismo, de contendas violentas, o resultado teórico só poderá ser o dogmatismo da filosofia de sistema, a imaginação sem a comunicação se perde. Quanto a isto Newton também é diferente, a filosofia experimental não é um sistema como os demais, ela nasce com Bacon, cresce e se desenvolve com Locke e outros, atingindo seu ápice com o descobridor da atração universal. A filosofia experimental tem uma história que é negada aos sistemas filosóficos estanques. A bem da verdade, de um lado, temos a história do desenvolvimento da “sã filosofia”, de outro, a história dos erros dos sistemas filosóficos. (BRANDÃO, 2008, p. 23)

Assim, a imaginação de Descartes, “brilhante e forte”, não podia se comunicar em uma França opressiva, de modo que o que ela produz torna-se regra, dogma. Daí resulta a filosofia de sistema com todos os seus erros. Por outro lado, os filósofos

experimentais, cuja linhagem começou com Bacon e teve seu ápice com Newton, puderam comunicar-se livremente, ter acesso a ideias que contribuíram para que a filosofia experimental fosse aprimorada – a história dos sistemas filosóficos é então marcada pela imaginação que, estando incomunicável, se desenvolve até criar “romances engenhosos”, e a história da filosofia experimental representa a “sã filosofia” porque ao respirar em uma atmosfera livre, não está sujeita aos excessos da imaginação e se concentra naquilo que se pode concluir por meio de fontes acessíveis à razão humana: a observação e a experimentação. Na carta seguinte, ao falar da história da gravidade, Voltaire menciona Galileu, que examinava de modo mais mecânico como ocorria a queda dos corpos na Terra, e Bacon, que desejava que fossem feitos experimentos capazes de mostrar se essas quedas ocorriam também nas maiores profundidades e alturas que fosse possível alcançar – nosso filósofo chama a atenção para o fato de Descartes, “o maior geômetra de seu tempo”, não ter se valido desse método, e por isso não é de surpreender que ele tenha “se perdido”: como não havia por onde se guiar, quis criar elementos novos, como turbilhões, para explicar a natureza. Sua filosofia era como um bom romance, no qual “tudo parecia verossímil e nada era verdadeiro” (VOLTAIRE, 2007, p. 66). Newton havia chegado a ler Descartes, porém anotou tanto a palavra *error* no livro que acabou por deixá-lo de lado.

Como gênio que é e vivendo em um ambiente no qual a liberdade é cerceada, Descartes tem uma imaginação que é, nas palavras de Rodrigo Brandão, “hipertrofiada”, ou seja, superdesenvolvida. É por esse motivo que se faz tão importante um ambiente livre, no qual as ideias, tanto as do passado como as do presente, possam circular: do contrário, a imaginação do gênio passa a inventar um romance fantástico para explicar o mundo. O conhecimento da história é crucial para a formação de uma “sã filosofia”, é ele o fator que na verdade explica porque a filosofia experimental funciona e a filosofia de sistema, não: a primeira escreve uma história, levando em conta as contribuições dos fatos passados, e desse modo se enriquece, enquanto a segunda não se relaciona com a história e com isso pretende inaugurar um saber novo por meio de romances.

A história da filosofia experimental tem seu ápice com o advento de Newton. A razão nasceu na Inglaterra, ou renasceu talvez, se acompanharmos a introdução de *O Século de Luis XIV*. Ora, qual é o sentido da razão ser filha da Inglaterra? Isto significa que Newton, legatário do método inaugurado pelo chanceler Bacon, foi quem descobriu não apenas alguns mistérios da natureza, organizando a pluralidade caótica dos fenômenos físicos ao remetê-los todos a uma

lei; ele é também aquele que levou ao mais alto grau um procedimento filosófico, aquele que concilia a experiência e a matemática, procedimento que não pode ser superado no âmbito das ciências. (BRANDÃO, 2008, p. 44)

Levar “ao mais alto grau um procedimento filosófico” significou unir experiência e matemática, isto é, prática e teoria. Por esse motivo é um procedimento insuperável no meio científico, e a Inglaterra merece o título de “mãe” da razão, pois foi em seu solo que nasceu a filosofia experimental – aquela que sabiamente reconhece o seu limitado poder de alcance e usando a história como guia, por meio de observação e experimentação consegue conciliar teoria e prática.

Na Carta XXIV, ao discutir o papel das academias – definido como o de manter acesa a chama que os grandes homens acenderam –, Voltaire chama a atenção para o fato de que há academias que se ocupam com atitudes e pesquisas perfeitamente dispensáveis, como o hábito de mandar imprimir os elogios feitos aos acadêmicos que ingressavam na academia (discursos que só se repetiam) e pesquisas como um texto encontrado na Academia de Belas-Letras francesa intitulado “Prerrogativas da mão direita sobre a mão esquerda”. Já a Academia de Ciências abarca, em suas pesquisas mais difíceis e mais sensivelmente úteis (isto é, úteis de uma maneira mais facilmente perceptível), o conhecimento natural e a perfeição artística. É possível acreditar, diz Voltaire, que a profundidade e persistência dos estudos desta academia, a exatidão de seus cálculos, a fineza de suas descobertas e a amplitude da visão que tudo isto oferece resultará em algum bem para o universo. No entanto, um problema persiste, o de que os séculos mais bárbaros produziram as mais úteis descobertas. “Parece que o quinhão das épocas mais esclarecidas e das academias mais sábias consiste em raciocinar sobre o que os ignorantes inventaram” (VOLTAIRE, 2007, p. 132), ou seja, em raciocinar sobre os feitos de épocas em que não havia academias. As épocas mais esclarecidas não teriam, então, contribuições originais a fazer; a elas caberia somente desdobrar o que os ignorantes descobriram ou inventaram. Como exemplo, Voltaire fala das longas disputas entre o senhor Huygens e o senhor Renaud sobre qual seria o ângulo mais vantajoso do timão de um navio em relação à quilha, e como Cristóvão Colombo descobriu a América desconhecendo completamente tal ângulo.

Colombo faz parte de uma época em que, apesar de terem descoberto a América e inventado a pólvora, a pintura a óleo, a imprensa, os homens desconheciam o funcionamento do mundo: as leis da natureza e como funcionava o próprio corpo. Foi

uma época de inventos muito admiráveis e úteis, porém como já vimos, incapazes de honrar o espírito humano, já que eram fruto de um instinto mecânico ou de muitas vezes do puro acaso. Na época moderna, os homens se tornam cada vez mais esclarecidos e conhecem cada vez mais a si mesmos e ao mundo, tornando-se capazes, por meio de um bom uso da razão, de descobertas que desvendam mistérios da natureza e do universo, e de lidar com mais clareza e refinamento com questões concernentes à natureza humana – o que de fato muito eleva o espírito humano. Porém mesmo pertencendo a uma época tão privilegiada, os modernos parecem cometer um erro fatal: deixar a utilidade de lado.

Mas o que Voltaire estaria entendendo como “útil”? Um senso prático que deveria guiar sozinho as invenções e descobertas dos homens, já que os inventos e descobertas dos antigos eram em sua grande parte práticos e por isso, muito úteis? De modo algum. O que nosso filósofo almeja é a união, na medida do possível, entre prática e especulação, como poderiam fazer os físicos e geômetras. E então faz a seguinte pergunta: “Será preciso que tudo o que mais honra o espírito humano seja quase sempre o menos útil?”. Detenhamo-nos nela: como já vimos, para honrar o espírito humano é preciso que a razão esteja envolvida – e não o instinto mecânico ou o acaso. De modo que o que é capaz dessa honra são os frutos do trabalho da razão: a filosofia, as letras, as ciências, as artes. As invenções e descobertas dos antigos, por não serem em sua grande parte resultados desse trabalho, podem ser úteis porém não podem ser motivo de honra para o espírito humano, uma vez que são frutos de um instinto mecânico ou do acaso como dito na Carta XII (VOLTAIRE, 2007, p. 25).

E mais ainda, só é possível honrar o espírito humano fazendo um bom uso da razão – não basta fazer um uso qualquer. Voltaire não diria, por exemplo, que a metafísica, quando ambiciona elaborar um sistema que pretende explicar noções como as de alma, Deus e substância, honra o espírito do homem, porque dessa maneira ela não é capaz de esclarecer, pelo contrário: mais confunde do que esclarece, sempre voltando às mesmas questões com respostas diferentes que nunca logram ser satisfatórias. E, principalmente, porque se propõe responder perguntas cujas respostas estão além dos limites do intelecto humano. É como a anedota dos lavradores, contada por Voltaire:

Perguntei a alguns de meus semelhantes, que com muito trabalho cultivam a terra, nossa mãe comum, se eles sentiam que eram dois, se tinham descoberto pela sua filosofia que possuíam neles uma substância imortal, formada de nada, existente e sem extensão, agindo sobre os nervos sem tocar neles, enviada propositalmente ao ventre de sua mãe seis semanas após sua concepção. Pensaram que eu estava

brincando, e continuaram a trabalhar na terra sem me responder nada.
(NASCIMENTO, 1993, p. 31)

Após relatar essa anedota, Maria das Graças do Nascimento continua dizendo que a recusa de Voltaire em buscar respostas definitivas em assuntos como esses se deve não apenas ao fato de que ele reconhece que a razão humana é incapaz de encontrar essas respostas, mas também ao fato de que, na sua perspectiva, “há coisas que importa saber, e outras que são absolutamente inúteis” (NASCIMENTO, 1993, p. 31). Este é o sentido da anedota. Embora os lavradores tivessem naquele momento uma preocupação puramente prática – cultivar a terra – e talvez não tivessem em outros momentos inquietações filosóficas, eles não representam a prática que leva ao descuido com a reflexão: representam um tipo de resposta sensata à certas questões metafísicas, que é o silêncio. Uma vez que questões como de que a alma é feita incluem-se nas coisas que não interessa saber, o melhor a se fazer é ignorá-las.

Aqui cabe uma ressalva importante: Voltaire não desprezava por completo a metafísica. Ele mesmo se interessou por algumas questões metafísicas, como a existência de Deus, a origem das nossas ideias e a natureza da alma, como atesta o *Tratado de Metafísica*. No entanto, o seu enfoque não era dar respostas definitivas, mas conduzir uma investigação que pudesse tornar claro ao homem qual era o seu lugar no mundo, e quais eram os fundamentos para as suas ações, tendo sempre em vista aquilo que levaria os homens a agir bem. Um exemplo disso é quando ele diz a respeito da alma: “importa pouco à religião de que substância seja a alma, contanto que ela seja virtuosa” (VOLTAIRE, 2007, p. 56).

Voltando ao texto das *Cartas*, como fica a especulação, ou a teoria, já que a prática tem um papel tão importante? Ela não é desprovida de valor, visto que os modernos foram responsáveis por grandes descobertas teóricas, tais como a lei da gravidade. E são descobertas como essa, frutos de um trabalho da razão, as que honram o espírito humano. No entanto, a ênfase exagerada na teoria parece provocar a ausência de uma qualidade fundamental, que é a de ser útil – o que se dá no caso da metafísica. Fica nítido no relato sobre certas matérias ridículas que podem ser encontradas nos acervos de academias que a crítica de Voltaire não é dirigida à teoria, mas a certas investigações teóricas. Não é possível imaginar a qual finalidade a dissertação das prerrogativas da mão direita sobre a mão esquerda poderia se propor em uma academia, e é fácil entender que no lugar dela poderiam ser tratadas matérias que fizessem uma

real diferença para o conhecimento humano. Assim, poderíamos entender como “útil” não somente uma matéria que tivesse uma aplicação prática capaz de melhorar a vida humana, mas também uma matéria que contribuísse para aprofundar conhecimentos já existentes ou inaugurar conhecimentos que contribuíssem para o esclarecimento dos homens.

Por que Voltaire pergunta, então, se tudo o que mais honra o espírito humano deve ser quase sempre aquilo que é menos útil? Justamente porque nesses casos a função esclarecedora é perdida de vista, como no exemplo dado pelo filósofo: se um homem souber as quatro regras da aritmética e tiver bom senso, surge um grande comerciante; por outro lado, um algebrista que passa a vida procurando relações e propriedades espantosas, porém sem utilidade, nos números, nunca saberá o que é câmbio (e com isso não poderá beneficiar-se dele): depois de um certo ponto, as pesquisas passam a servir apenas como curiosidade. Voltaire compara essas verdades “engenhosas e inúteis” a estrelas que, de tão longe que estão, não podem emitir para nós nenhuma claridade. Embora a função do comércio não seja a de esclarecer, é possível entender que Voltaire opõe o comerciante ao algebrista porque enquanto aquele pode contribuir para a felicidade do mundo possibilitando a circulação de riquezas materiais e trocas culturais, este busca verdades que não podem nos ajudar a entender melhor o mundo – são as estrelas distantes cuja luz não chega até nós. É quando a pesquisa passa a ser mera curiosidade que ela deixa de ser útil; se ela poderia ter começado como promissora, como algo que poderia honrar o espírito humano, a ênfase excessiva na especulação faz com que ela fique distante demais do mundo para ser aplicada nele – pelo menos de modo a torná-lo mais compreensível.

É preciso atentar para o que se faz com o conhecimento propiciado pela razão. Voltaire sugere que seria um grande serviço prestado pela Academia de Belas-Letras à língua francesa mandar imprimir, ao invés de elogios, as boas obras compostas durante o reinado de Luís XIV com todos os erros gramaticais corrigidos. Obras de Corneille, Molière e La Fontaine estão repletas de erros, e se estes não pudessem ser corrigidos, seriam pelo menos identificados. A língua francesa seria tornada pura e aprendida com segurança pela Europa, os bons livros seriam impressos com cuidado pagos pelo rei e tornar-se-iam um dos mais gloriosos monumentos franceses. Este é um exemplo de ação útil, empreendida em prol do conhecimento humano. A razão não deve ser usada para empreender uma busca por dogmas nem por respostas impossíveis de achar, e é preciso aplicar o conhecimento propiciado pela razão no mundo, de modo a tornar os homens

mais esclarecidos e com isso, mais felizes. Esta é a missão do filósofo, do homem de letras, do cientista, do artista, isto é, dos homens instruídos. Ou seja, é preciso estar atento ao lado prático do conhecimento. Como diz Estevão C. Martins, Voltaire considera-se um “prático”: “Afinal, o grande combate de sua vida foi assegurar o direito de pensar livremente e de agir segundo esse pensar: ou seja uma finalidade eminentemente prática” (MARTINS, 1999, p. 9). É neste sentido que Voltaire se preocupa em aliar prática e especulação: sempre é necessário considerar como o pensar pode traduzir-se em ação, de modo a libertar os homens do preconceito, da superstição, do medo e da ignorância.

Referências

- BRANDÃO, R. *A ordem do mundo: estudos sobre metafísica e moral em Voltaire*. 2008. 254f. Tese (doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo: São Paulo, 2008.
- MARTINS, E. C. R. *A tolerância e o novo mundo: Voltaire diante do desconhecido*. Textos de História. Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB, v.7, n. 1-2, p.7-26, 1999.
- NASCIMENTO, M. das G. S. do. *Voltaire: a razão militante*. São Paulo: Moderna, 1993. (Coleção logos)
- VOLTAIRE. *Cartas filosóficas*. Márcia Valéria Martinez de Aguiar (trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- _____. *Tratado de metafísica em: Cartas inglesas; Tratado de metafísica; Dicionário filosófico; O filósofo ignorante*. Marilena de Souza Chauí (trad.). São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Os Pensadores, v. 23)